

CARTA

Querida autora.

Noite de Domingo. A autora estava a rever uns textos. Era Inverno. A casa parecia uma estufa. A lareira já estava acesa há horas. A autora estava a trabalhar na secretária. Perna aberta, um vestidinho curto, a cadeira parecia ser desconfortável.

Eu entrei nu, e deitei-me sob a secretária. Depois, eu comecei a fazer barulho sob a secretária. O meu corpo colidia com a madeira, as mãos agarrando no meu sexo. A autora ainda sentia o sabor do meu esperma daquela manhã, e a concentração fugia-lhe um pouco. Além disso, a autora precisava de mijar com urgência. Mas a preguiça era um adversário de respeito.

A autora ouviu-me. A autora ouviu a minha respiração sob a secretária. Não lhe disse nada. Mas aquilo que existia no ar era uma espécie de tensão selvagem. Um animal. Animais no interior da casa. Depois, eu removi-lhe a cuequinha. Era uma cuequinha de renda, e o seu cheiro era intenso. O vento assobiava na rua, de vez em quando.

A autora continuava sentada. E o mijo queria sair. Mas não dizia nada. Não disse nada. Eu comecei a beijar o sexo da autora. E eu beijei o sexo da autora muitas vezes. E levemente. A lenha estalava dentro da lareira. Agora, é quase meia-noite.

A minha mão parecia estar morna, e a autora quis sentir a minha mão a massajar-lhe o sexo. Eu ouvi a autora a gemer. A caneta caiu ao chão. E, depois, eu comecei a lambar o sexo da autora. Em silêncio. Tudo parecia desenrolar-se em câmara lenta. A minha mão aqueceu depressa, e acariciou o ventre e o clítoris da autora. Eu comecei a acelerar o movimento. O chão começou a encher-se de saliva. E, agora, a minha língua parece um berbequim.

Então, a autora mordeu o lábio, e começou a soluçar. Houve qualquer coisa de ritual ali. Henry Miller. Entre nós e o cenário doméstico. Dois dedos entraram no sexo da autora. Um vórtice. E a autora sentira-se atacada por uma espécie de fogo. E um golpe interior. Tudo tremeu, tudo quis sair. A boca da autora abria e fechava, qual armadilha no chão. E a autora quis vir-se, o orgasmo estando perto. Mas a autora precisava de mijar. Agora, eu sinto tudo isso. E a minha mão subiu até ao peito da autora, e eu pedi-lhe uma coisa. Eu pedi à autora que não resistisse.

A autora veio-se. De facto, a autora vertia o seu fluido, e mijava como uma vaquinha. Por sua vez, o vidro da lareira estava quase preto. Havia uma espécie de poça

sobre a minha cabeça. O jorro da autora crescendo, um jorro que se tornava brilhante. Era uma imundície, mas era uma imundície que dava muito prazer a ambos. Eu bebi e provei tudo aquilo que pude. Na verdade, a autora riu-se. A autora peidou-se ligeiramente, e isso foi bom. Eu vi que era bom, e tive de sorrir. A gratidão que eu senti permitiu-me tudo menos palavras.

Após uma dúzia de minutos de silêncio a autora bebeu um pouco de vinho. Não me oferecera. Um chocolate belga veio ter às minhas mãos. E mal eu tirei o papel do chocolate pude enfiar o chocolate no sexo da autora. Chocolates derretiam no sexo, e não derretiam nas mãos. Em seguida, eu tentei encontrar o chocolate com a minha língua. Mas isso parecia ser impossível.

Aquele chocolate desapareceu. E eu lambi e chupei o sexo da autora. Houve no sexo da autora um sabor que não consigo esquecer. Agora, não consigo esquecer. Não quero esquecer. É local de encontro entre o cacau, o sexo e o mijo. O meu rosto estava imundo. A minha língua perdia-se no sexo da autora, que estava a soluçar de prazer, e batia com a mão na estante que estava atrás. O sexo e o umbigo da autora pareciam estar quentes como pãozinhos numa espécie de forno a lenha.

Depois, a autora veio-se muito, e pareceu um ribeiro na quietude da noite. Não ejaculei, e a autora estava desejosa de ver o meu sexo. Um músculo, uma fibra, uma relíquia de Deus. A noite ainda era uma criança. E aqueles textos tinham tempo, assim como nós.

Da sua nova criação.